

A CONFECÇÃO DE MÁSCARAS AFRICANAS COMO EXPERIÊNCIA DE RECONHECIMENTO ÉTNICO-RACIAL

Jarciara Luiza de Oliveira*

RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta pedagógica desenvolvida na disciplina de artes, com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, a ação integrou pesquisa, produção artística e debates para a confecção de máscaras africanas como materiais reaproveitáveis, para promover o reconhecimento étnico-racial e fomentar uma reflexão crítica nos estudantes. A proposta foi realizada de maneira interdisciplinar e articula conhecimentos no campo da arte, história e consciência ambiental, visando destacar a integração de elementos de matrizes africanas no ambiente escolar na construção de conhecimentos sobre matrizes que contribuirão na construção da identidade cultural brasileira. Ao trabalhar com máscaras africanas, os estudantes desenvolvem muito mais que sua criatividade por meio do fazer artístico, o trabalho ampliou o reconhecimento de outras culturas, garantido um ensino diversificado em consonância com a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas brasileiras.

Palavras-chave: Ensino, Artes, Cultura, Étnico-racial.

*Professor de Artes Visuais e graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jarciaraoliveira@gmail.com



Introdução

A reflexão aqui apresentada surge da minha experiência como professor de artes e tem como foco a confecção de máscaras africanas como estratégia pedagógica para o reconhecimento étnico-racial dos estudantes. Essa ação busca romper com a predominância de currículos eurocêntricos, pois busca valorizar as matrizes culturais africanas presentes na formação identitária do Brasil. Assim, o objetivo do estudo realizado foi pensar em uma prática pedagógica que promovesse o sentido de pertencimento dos estudantes ,ampliando uma consciência crítica. Reconhecendo que a escola é um espaço de valorização de diferentes manifestações culturais, ao qual contribui para a reflexão de saberes sobre a diversidade, tradições e identidade.

Observamos que mesmo após a independência formal do Brasil, persiste no âmbito escolar marcas profundas do colonialismo, expressas na valorização quase exclusiva de referências europeias no currículo e nos livros didáticos. Essa lógica eurocentrada inviabiliza saberes tradicionais referentes à formação cultural brasileira, pois silencia as contribuições das culturas oriundas de matriz africana, perpetuando uma visão homogênea de conhecimento e comprometendo o direito ao reconhecimento étnico-racial.

Devemos repensar a educação a partir de uma perspectiva descolonizadora, que reconheça os saberes afro-brasileiros não como conteúdos complementares, mas como fundamentos legítimos na formação cidadã. Valorizar as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes é compreender seu papel histórico na constituição da sociedade brasileira e combater as marcas persistentes do colonialismo nos espaços escolares.

Nesse contexto, a confecção de máscaras africanas não se limita a uma atividade simbólica ou decorativa, trata-se de uma prática pedagógica com significado político e político e identitário que aproxima os estudantes de referências culturais, que estimula o pertencimento, respeito à diversidade e a consciência histórica. A ação pedagógica aqui proposta é uma referência a professores em consonância com a Lei nº 11.645, de



10 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas brasileiras.

Metodologia

O ponto de partida da proposta pedagógica intitulada “**Produzir Sentidos, Reconhecer Raízes**”, surgiu, a partir de uma observação do meu cotidiano escolar. As atividades foram desenvolvidas com turmas do 7º ano do Ensino Fundamental, compostas por estudantes entre 11 e 14 anos. No convívio diário, identifiquei a presença recorrente de falas e atitudes marcadas por expressões que reforçam estereótipos e preconceitos, especialmente em relação a grupos étnico-raciais historicamente discriminados. Diante desse contexto, senti a necessidade de intervir e o ensino de arte foi escolhido como caminho para a promoção de um diálogo sobre a valorização da diversidade.

A sequência didática do trabalho teve início com uma roda de conversa com perguntas provocadoras: “Quais costumes, música, comida ou festas vieram da cultura africana?”, “O que vocês conhecem sobre a história dos povos africanos que vieram ao Brasil?”, “Você já presenciou alguma situação de preconceito racial? Como se sentiu?” entre outras, que abriram espaço para um debate sobre as raízes históricas do Brasil e questões de um passado escravista que continuam presentes na contemporaneidade. Na etapa seguinte, foi realizada uma aula expositiva e dialogada, com o apoio de recursos digitais para contextualizar a pluralidade cultural, histórica e estética do continente africano. E ao final foi proposto uma pesquisa individual para casa, sobre significados das máscaras africanas, para ampliação do repertório artístico e cultural, aliando-se à abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (1991), que articula os eixos de contextualização, apreciação e produção. Após trazerem as informações coletadas, os alunos participaram de uma nova roda de conversa, onde foi refletido sobre como seria produzido as máscaras. A intenção seria aproveitar matérias acessíveis e disponíveis no espaço escolar. Por isso, aproveitei o momento para promover uma conscientização ambiental acerca de matérias que estavam destinados ao descarte, mas que poderiam ser reaproveitados. Conversamos sobre a produção exacerbada de lixo na sociedade, especialmente na escola, onde tem-se frequentemente um grande número de



impressões diárias em folhas que muitas das vezes são descartadas mas que poderiam ganhar novos sentidos, por meio de trabalhos manuais. Essa etapa se configurou como um momento de criação artística, por meio da técnica da papietagem que consiste em adicionar cola em pedaços de papéis para criar uma massa maleável. Na oportunidade cada estudante pôde modelar sua própria máscara, inspirado em suas pesquisas e referências visuais apreciadas em aulas anteriores.



Imagem: Processo de confecção de máscara

Fonte: Acervo do autor - setembro 2024

Após a secagem das máscaras com a modelagem, foi realizada a pintura para enriquecimento das criações com elementos simbólicos, padrões étnicos e cores associadas às máscaras africanas. A etapa final da proposta foi marcada por um momento de compartilhamento por meio de uma pequena exposição no espaço escolar, onde cada educando teve a oportunidade de explicar seu processo de criação artística, relacionando com as discussões realizadas ao longo das aulas para a comunidade escolar. Desse modo, a proposta **“Produzir Sentidos, Reconhecer Raízes”**, afirma o potencial do ensino de artes como ferramenta capaz de articular conhecimento históricos, práticas sustentáveis, reflexão crítica e fazer artístico ao valorizar a cultura africana e suas contribuições para a formação da identidade brasileira, fomentando uma educação antirracista.



Referencial Teórico

No Brasil, a educação nas escolas ainda se mostra insuficiente para enfrentar o racismo estrutural, uma vez que contribui para a sua reprodução. Os estudantes impactados por esse sistema são constantemente expostos a currículos que ignoram suas raízes histórico-culturais, silenciando suas histórias e desvalorizando suas referências identitárias. Essas experiências comprometem o desenvolvimento da consciência crítica, fazendo com que muitos estudantes não se reconheçam como parte fundamental da sociedade. Situação semelhante é mencionada por Shujaa (1995, apud NASCIMENTO, 2009) ao refletir sobre a educação dos africanos nos Estados Unidos, para o autor, a escolarização é a transmissão de valores e atitudes da cultura euro-norte-americana dominante, por meio de uma enxurrada de imagens insultuosas, revelando como o legado da escravidão opera de uma forma global e hegemônica sustentada por estruturas de poder.

Nesse contexto, as instituições de ensino têm a responsabilidade de se constituírem como espaços de ruptura de práticas excludentes. Por meio, do reconhecimento e valorização de saberes dos povos africanos e afro-brasileiros, incluindo conteúdos para além dos currículos enrijecidos de uma cultura eurocêntrica. Por isso discutir identidade cultural no contexto escolar, não deve se resumir em algo pontual, em um evento esporádico do calendário letivo, mas com uma ação central e necessária ao processo formativo dos estudantes ao longo do ano.

O ensino de artes é uma importante ferramenta para o estudante perceber diferentes narrativas, ampliando seu conhecimento acerca da diversidade cultural que os cercam. Nessa perspectiva a educação vai além de regimentos, provas, testes e conteúdos. Ela se torna um eixo de produção de significados e de valorização de identidades diversas. De acordo com o que destacam Silva e Teixeira (2020), ao inserir no contexto de ensino manifestações culturais oriundas de matrizes africanas, cria-se um ambiente propício ao reconhecimento de uma pluralidade de culturas afrodescendentes, promovendo o respeito à diversidade. Ao incorporar no ensino práticas pedagógicas que dialogam com as culturas afro-brasileira o ambiente torna-se mais plural, inclusivo e sensível à realidade dos estudantes. Desse modo, ao trabalhar a confecção de máscaras africanas,



tem-se uma prática educativa que promove experiências estéticas que articula expressão artística, consciência histórica e valorização da diversidade cultural.

Resultados e Discussão

Diante da proposta desenvolvida, os resultados alcançados enfatizam a importância de uma abordagem educativa, que trate o ensino das culturas de origem africanas e afro-brasileiras como parte essencial dos currículos escolares. Ao longo das atividades propostas, foi possível observar o envolvimento por parte dos estudantes, não apenas na confecção das máscaras, mas sobretudo, nas discussões realizadas durante as aulas.

Ao entrar em contato com saberes historicamente silenciados, os discentes passaram a identificar o papel histórico dos povos africanos e afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira. A escola tornou-se um espaço para diálogo, pesquisa e rompimento de visões estereotipadas e preconceituosas, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência criatura pautada no respeito. Outro ponto relevante foi o fortalecimento do protagonismo estudantil, ao pesquisar, criar e apresentar seus trabalhos a comunidade escolar, os estudantes tiveram uma participação ativa, rompendo o papel ativo de mero receptor de conhecimento. Além disso, o trabalho evidencia a importância do trabalho interdisciplinar ao integrar diferentes áreas de conhecimento à proposta pedagógica, proporcionando uma experiência rica ao trabalhar conceitos de arte, história e consciência ambiental.



Imagem: Máscara produzida por aluno

Fonte: Acervo do autor - setembro 2024



Considerações Finais

A proposta pedagógica “**Produzir Sentidos, Reconhecer Raízes**”, nos permite refletir sobre formas de ver, sentir e conhecer novas culturas, colocando a escola como um território simbólico de histórias que se REconstroem. Para Hall, a cultura é “um processo de produção de significados” (HALL, 2006, p. 3), portanto, todas as práticas culturais — inclusive as manifestações artísticas — são oportunidades para os sujeitos constroem suas identidades. Nessa perspectiva, as escolas, enquanto espaços educativos, são territórios simbólicos nos quais as culturas se confrontam, se reproduzem e se transformam. Assim, a arte, por sua vez, apresenta-se como um dos meios de propagação dessa produção simbólica, e o seu ensino reafirma o potencial da prática formativa sensível que ajuda os estudantes a terem percepção sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que vivem, conforme destaca Ujiie (2013).

A arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento do mundo; é expressão de sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que se simboliza, é fruição. Ao mesmo tempo, é conhecimento elaborado historicamente, que traz consigo uma visão de mundo, um olhar crítico e sensível, implicado de contexto histórico, cultural, político, social e econômico de cada época. (UJIE, 2013, p. 11).

Essa perspectiva sobre a arte fundamenta a experiência prática relatada, que se mostra capaz de revelar um momento lúdico e prazeroso aos estudantes, para promover uma conscientização sobre as diferentes manifestações culturais que compõem nossa sociedade. Ao relacionar a temática de forma contextualizada e significativa com a produção de máscaras, permitindo que os estudantes se reconheçam enquanto sujeitos históricos e culturais. A sensibilidade estética e à crítica social, da ação evidenciam uma necessidade de incluir nos currículos escolares, a valorização de culturas afro-brasileiras como parte integrante do ensino, massificadamente centrados em referências de origem europeia. Assim, cabe aos educadores encontrar soluções educativas atrativas que se



enquadrem no que se estabelece na Lei nº 11.645/2008, para a promoção de uma educação plural e socialmente justa.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: Sankofa 4**. Brasília: Fundação Cultural Palmares; São Paulo: Selo Negro, 2009.

UJIE, Lilian A. A. **Arte e cultura visual na educação básica: um estudo sobre práticas educativas em escolas públicas de São Paulo**. São Paulo: UNESP, 2013.

SILVA, Alexandro da Silva; TEIXEIRA, Fabíola Maria de Souza. **Arte e Cultura Afro-Brasileira: um estudo sobre práticas docentes no ensino fundamental**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 17, n. 48, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/6832>. Acesso em: 04 jun. 2025

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 03 jun. 2025.

